



A SAÚDE MENTAL DO ESTUDANTE EM SUA PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE: POR UMA CLÍNICA DO CUIDADO DE SI

LISANDRA BERNI OSORIO¹; MARIA MANUELA ALVES GARCIA²

¹Universidade Federal de Pelotas – lisabosorio@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – garciamariamaneula@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O crescente mal-estar discente nas paisagens sociopolíticas desenha suas dores, abandonos e limitações nas sendas educacionais, deflagrando uma dada loucura, marcada historicamente pela desrazão, que “só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam” (FOUCAULT, 2014b, p. 163). O contexto em que se insere o estudante é parte de suas formas de existência. Logo, mudanças no ensino superior, advindas de políticas públicas de expansão e desenvolvimento, tais como o Sistema de Seleção Unificada (SISU) e a Lei de Cotas, dispõem políticas afirmativas que favorecem o ingresso de alunos, sem, necessariamente, amparar os impactos que essas transformações acarretam em termos de diversidade sociocultural, aumento do número de alunos, índices de não aproveitamento acadêmico, sobretudo o crescimento do sofrimento psíquico por parte dos estudantes. Haja vista o recrudescimento de casos de depressão e comportamento suicidas. Enquanto psicóloga da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da Universidade Federal de Pelotas, é possível perceber novas subjetividades interpelando os instrumentos tradicionais de escuta psicoterapêutica com alunos, como afirma BIRMAN (2000), provocando outras incursões que possam acolher as demandas para além de seu aprender, que perpassam seu adoecimento emocional e os modos como vêm sendo produzidos no cenário da universidade. Desde aí emerge uma Educação que necessita de cuidados, perfazendo da saúde mental, e uma política sensível de permanência estudantil, uma Clínica do Cuidado do Si.

A noção de *epiméleia heautoû* (cuidado de si), a qual “designa precisamente o conjunto das condições de espiritualidade, o conjunto das transformações de si que constituem a condição necessária para que se possa ter acesso à verdade.” (FOUCAULT, 2014a, p. 17), encontra-se amalgamada à noção de *gnôthi seautón* (conheça a ti mesmo), de tal modo que para que cuides de ti mesmo e não te percas de vista, é preciso te conheceres. Menos buscar uma verdade última e hegemônica, mais percorrer as subjetivações estudantis que não cessam de se transformar. Não se trata de descobrir uma verdade no sujeito, mas sim, dotar o sujeito de uma verdade que ele não conhecia. Com efeito, o cuidado de si “é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência.” (FOUCAULT, 2014a, p. 9). Para que se possa implantar o cuidado, tal como um agulhão, no interior da subjetivação estudantil, é preciso compreender de que cuidado está se falando, bem como que saúde é desejável, no ambiente da universidade, tomando-se a vida como uma obra de arte. Investigar a saúde mental é passar por uma zona de guerra com contingentes sociais, políticos, éticos, econômicos. Não há como isolar o objeto em um laboratório e fazer uma ciência pura sem considerar esses fatores, sobremaneira a implicação da

pesquisadora. Vive-se, pois, o dentro e o fora imbricados, tal como a fita de Möbius, em que “o mundo é uma matéria infinita do lado de fora. O fora, portanto, se constitui em uma realidade virtual sempre pronta para arrombar o pensamento.” (OSORIO, 2016, p. 170). Novas formas de subjetivação são disseminadas e versam saberes sobre o psíquico. Nos contornos que o outro redesenha e atualiza, desde uma psicologia das massas freudiana, até o vínculo do reconhecimento, é premente o adoecimento psíquico como sintoma de uma produção social. Na direção de uma possível *parresía* (FOUCAULT, 2014a; 2013), a qual ocupa o papel de uma fala franca como um ato de coragem, torna-se urgente falar das coisas ainda não ditas, dar língua às sensibilidades que atravessam o mundo pois “não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com o outro.” (FOUCAULT, 2013, p. 43).

Mergulhando nesse campo problemático, do mal-estar discente, insurge a temática do “cuidado de si” articulada com a “saúde mental”, remete-se ao desafio de pensar possibilidades de práticas de si, numa dimensão ética, política e estética nas teias educacionais e psicológicas, que possibilitem a permanência e minimizem o sofrimento dos universitários. Há de se atentar para que o supostamente saudável ao viver estudantil não vire uma prescrição generalista. Diante desse aguilhão cravado na pele da pesquisadora, as agitações versam sobre: Como o cuidado de si favorece a saúde mental? Que relações podem ser desenvolvidas entre saúde mental e permanência estudantil? Como intersubjetividades docentes e discentes podem influenciar o adoecimento psíquico? Quais pistas o estudo sobre ética do cuidado de si são capazes de fortalecer o vínculo com a Instituição? Diante desses desassossegos, o objetivo geral da Tese é desenvolver uma problematização da ética do cuidado de si nas suas relações com a saúde mental, com os modos de subjetivação do estudante em interface a uma política sensível de permanência e seu vínculo com a Universidade. Nessa perspectiva, capturar e problematizar fatores de risco e fatores de proteção à saúde mental discente em sua permanência na Universidade não passará por caminhos lineares, tampouco parte de um ponto zero. Trata-se de uma construção que percorre processos subjetivos de uma constituição social histórica de sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (discentes, docentes), a rizomática instituição e vestígios do estudo dissertativo¹¹, realizado nos anos de 2014 e 2015, que, intrigado com o aumento de 82% no índice de não aproveitamento acadêmico de bolsistas da PRAE, capturou modos de subjetivações em interface com o aprender na universidade.

2. METODOLOGIA

O método adotado é o da cartografia, no qual afirma-se uma potente direção para acompanhar os processos subjetivos em curso, cujo conceito foi inspirado no rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43), tal como um mapa que “deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”. Uma cartografia que capture pontos nodais do que adocece e do que promove bem estar, desenhando um mapa que partirá de instrumentos quantitativos e qualitativos ao mesmo tempo. Ela inverte o sentido tradicional de metodologia de pesquisa em que, etimologicamente, empregaria um caminho predeterminado pelas metas (*méta-hódus*), para de outro modo, obter um método, não para ser aplicado, mas sim

¹¹ Dissertação “Subjetivações em meio a vida universitária: aprender inventivo num tempo de escreituras”, defendida em 2016 no PPGE/Fae/UFPEL, sob orientação da Profª Carla Rodrigues.



experimentado e assumido como atitude (*hódus-metá*). “Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação de processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014, p. 10). Tal como uma navegação há uma direção, em qua a bússola são as subjetivações, num percurso aberto, flexível, sujeito aos intempestivos e disruptivos instantes, catalizando afetos que pedem passagem e absorto da implicação de uma vida que se põe a pesquisar. Dito isto, a cartografia se apresenta como uma pesquisa de procedimentos abertos e inventivos. Menos representar o adoecimento psíquico, mais engendrar o que o pensamento pensa e o que ele pode em ato, acompanhando aquilo que potencializa o viver do aluno na universidade e aquilo que o vulnerabiliza, traçando um rizoma do que venha constituir suas subjetivações. Se, em tese, é preciso cuidar de si para permanecer, é necessário também traçar um desenho sobre aqueles alunos que não permaneceram, delineando aspectos atinentes às possíveis motivações à evasão. Pretende-se traçar um mapeamento em forma de diagrama do cuidado de si, capturando as forças que advêm daí.

Primeiramente está sendo criado um instrumento para a “colheita” de dados quantitativos e qualitativos acerca dos estudantes. Este material, denominado “Inventário de Modos de Vida e Saúde do Universitário”, terá aplicação on-line, com questões objetivas e uma dissertativa que será “escrita de si”. Ele será fruto do estudo sobre o cuidado de si e as práticas de si (dietética, exercícios, exame de consciência, técnicas de concentração da alma) em conjunção com instrumentos validados e utilizados em estudos psicosociais recentes, tais como: Avaliação do sofrimento mental (SQR 20); Escalas Beck (depressão, ansiedade, risco de suicídio, desesperança); Questionário de Vivências Acadêmicas (QAV-r). Por um lado pretende-se avaliar fatores de proteção à saúde mental em estudantes da UFPel que se formaram no período dos últimos 5 anos (2015-2019) e por outro lado, avaliar fatores de risco à saúde mental naqueles que evadiram da universidade nos últimos cinco anos, incluindo bolsistas e não bolsistas da PRAE, tramando aspectos comparativos em termos de vulnerabilidade socioeconômica e psicossocial.

Almeja-se, ainda, formar um grupo com docentes (6 dos cursos prevalentes em evasão e 6 dos cursos prevalentes em conclusão), por meio de três oficinas cartográficas. Por meio de suas percepções e possíveis influências no cuidado de si estudantil em sua formação acadêmica, evidenciar a importância dessa importante figura no cenário do ensino superior que é o professor, o qual carrega “uma virtude, dever e técnica que devemos encontrar naquele que dirige a consciência dos outros e os ajuda a constituir sua relação consigo.” (FOUCAULT, 2013, p. 43).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É preciso uma reformulação investigativa, menos tributária à razão instrumental, e mais aberta às reinvenção de si. Decodificar o espaço social perpassaria por invisibilidades que planejam sua rota de fuga à medicalização e às classificações nosológicas, resistindo aos paradigmas que aprisionam e controlam a consciência, em estado de provisoriedade tal como os achados desse estudo em fase inicial. Dessa forma, há de se atentar às subjetivações, desde uma perspectiva das filosofias da diferença, em que não há centralidade do indivíduo de um ethos psicológico, mas singularidades que pululam no tecido social, emergindo daí territórios existenciais em intensidades intersubjetivas, haja vista que para que ocorra uma prática de si, o outro é indispensável. Assim, nos

rastros deixados pelo percurso dissertativo (OSORIO, 2016), encontram-se três tipos de subjetivações: um aluno “aprisionado” ao que o outro espera dele e que não se sente livre, sentindo a Universidade como uma obrigação em que imperam condições capitalísticas de uma sociedade de controle, de linhas molares; um aluno “desterritorizado” ao traçar linhas de fuga por condições emocionais, econômicas, sociais, institucionais, familiares, religiosas que o impulsionam; um aluno que “que traça ritornos” em movimentos de desterritorialização e reterritorialização que o transforma em devires-outros, em condições de sensibilidade. Subjetivações maquinicas, fabricadas no encontro que ocorre com os signos da universidade fornecem pistas para se pensar como o aluno tem cuidado de si próprio na relação com a universidade, pois na medida que permanece nela, aumenta o estresse psíquico, sendo sua percepção sobre desempenho acadêmico muitas vezes fator preditivo para abandono do curso.

4. CONCLUSÕES

Os resultados ainda estão por vir. Vasculhando alguns vestígios da dissertação, encontra-se, para além de uma pedagogia ou de uma psicologia que o pudessem explicar, o não aproveitamento acadêmico [índice de 82% de aumento no período estudado], relacionado com resistências, diversidade de sentidos atribuídos à Universidade, despreparo para nova vida, fatores institucionalizantes, vulnerabilidades de inúmeras naturezas, desenhando a predominância da infrequência [61%]. Assim, em uma política inventiva, desconfia-se da fixidez, prefere-se os devires. Nem imprevisto, nem caminhos seguros e estáveis podem dar conta da inventividade necessária dos territórios existenciais que emergem de uma era de singularidades que inflamam o tecido social. Sob o risco do engano, as escolhas deste projeto são feitas do que favorece a expansão da vida. Isso tudo, torna visível que uma desejável saúde mental e o cuidado de si, são antes de tudo, um ato político frente ao mundo na contemporaneidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRMAN, J. **Entre Cuidado e Saber de Si: sobre Foucault e a Psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: editora 34, 2011.1 v.
- FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.
- FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- FOUCAULT, M. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise** (col. Ditos e Escritos I). 3ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.
- OSORIO, L. B. **Subjetivações em meio à vida universitária: aprender inventivo num tempo de escrileituras**. 21/03/2016 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.
- PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014.